

# ■ DOSSIÊ - RELATOS DE EXPERIÊNCIA

## ■ Museu e memória: resistência e cidadania congadeira em Ituiutaba/MG

*Museum and memory: resistance and citizenship in Ituiutaba/MG*

 Eduardo Giavara \*

**Resumo:** Nas duas primeiras décadas do milênio é evidente que o combate ao racismo exige de nós reinventarmos o ensino, as práticas e os espaços formais e não formais de aprendizagem. Entre os espaços não formais o museu, talvez, tenha sido aquele que mais segmentou e cristalizou a sociedade europeia, seus valores e práticas, excluindo e apagando de seus espaços a memória negra e indígena. Nesse contexto, este trabalho traz à tona um projeto de extensão realizado entre o Curso de História, do Instituto de Ciências Humanas/UFU e o Museu Antropológico de Ituiutaba, o qual consistiu em analisar e valorizar o acervo das tradições congadeiras da cidade de Ituiutaba/MG. Partimos do pressuposto de que o museu e suas práticas museológicas são um importante elemento de cidadania, conectando a memória congadeira com o movimento negro, produzindo fortes laços de identidade e representatividade. As atividades foram desenvolvidas ao longo do ano de 2018, envolvendo financiamento e atividades com bolsistas, recursos que nos permitiu percorrer as manifestações, produzir material e reuniões que resultaram em um produto para o museu e sua exposição. Para além das produções, abriu-se um importante campo para refletirmos sobre o Museu Antropológico de Ituiutaba, pensar seus acervos e formas permanentes de preservação para garantir que a diversidade seja seu eixo norteador.

**Palavras-chave:** Acervo. Preservação. Memória. Cultura. Educação patrimonial. Museu.

**Abstract:** In the first two decades of the millennium, it is evident that combating racism requires us to renovate formal and non-formal education, practices and spaces. Among non-formal spaces, the museum, perhaps, was the one that most segmented and crystallized European society, its values and practices, excluding and erasing black and indigenous memories from its spaces. Within this framework, this work accentuates an Extension project carried out between the History Undergraduate Course, the Institute of Human Sciences in Universidade Federal de Uberlândia (UFU), and the Museu Antropológico de Ituiutaba<sup>2</sup>, which consisted in analyzing and giving value to the collection of congadeiros traditions in the city of Ituiutaba MG. It is assumed the museum and its museological practices are an important element of citizenship, connecting the congadeira memory with the black movement, producing strong ties of identity and representation. The activities were carried out throughout 2018, involving funding and activities with Extension grant students, resources that allowed us to roam the manifestations, produce materials and meetings that resulted in fructifications for the museum and its exhibition. In addition to the productions, it opened an important field for us to reflect about the museum, to think about its collections and permanent forms of preservation to ensure that diversity is its guiding axis.

**Keywords:** Collections. Preservation. Memory. Culture. Heritage education. Museum.

---

\* Eduardo Giavara é graduado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1997), mestre em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2001) e doutor em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2008). Professor associado na Universidade Federal de Goiás, Regional Goiás. Contato: eduardogiavara@ufg.br

## Introdução

Desde a implantação da Lei nº10.639/2003 a dificuldade de se implementar um currículo que atenda às necessidades da cultura afro-brasileira tem sido um desafio para os vários campos das licenciaturas, foi preciso rever conteúdos de História e Geografia, referências literárias e estimular a criação de espaços culturais que pudessem atender esse novo contexto. É inegável que os horizontes do conhecimento foram ampliados e diversificados, mostrando a riqueza e as várias possibilidades para explorar e compreender o universo do mundo africano e as relações culturais como se estabeleceram com e no Brasil ao longo de cinco séculos.

No âmbito da pesquisa em ensino de História, a cultura afro-brasileira tem sido um desafio em deslocar a produção histórica do eixo eurocêntrico para as relações socioeconômicas estabelecidas no hemisfério sul. As dimensões dessa produção têm se dado no âmbito do ensino superior, com a produção de conhecimento através do ensino de graduação, com disciplinas de História da África e das Relações Étnico Raciais, na pós graduação, têm sido estimuladas pesquisas em que o foco são cenas, releituras de momentos históricos a partir da perspectiva do negro ou do negro escravizado e de personagens da história, mulheres ou homens, que foram ao longo do tempo esquecidos ou que não lhes foram atribuídas a relevância e a importância necessárias. Por fim, outra dimensão importante tem sido a construção de espaços em torno da cultura e das festas populares afro-brasileiras, os quais são elementos poderosos da cultura material e imaterial, que concentra forte simbologia das tradições e da ancestralidade, requerendo políticas renovadas de preservação da memória e do patrimônio.

Para tanto, a proposta apresentada neste relato de experiência foi realizada no Curso de História, do Instituto de Ciências Humanas, da Universidade Federal de Uberlândia, financiada pela Pró-reitoria de Extensão e Cultura, da Universidade Federal de Uberlândia (PROEXC/UFU), intitulada “Cidadania no Museu: cultura, patrimônio e direito a memória”, contemplado dentro do edital Programa de Extensão Integração UFU/Comunidade (PEIC), edição do ano de 2018. A referida atividade de extensão possuía o objetivo desenvolver ações junto ao Museu Antropológico de Ituiutaba/MG, que fomentassem o interesse da comunidade pelo museu e que pudessem estabelecer um diálogo com algumas pautas da entidade. Para isso, partimos do princípio de que ações como a catalogação e a melhoria do acervo da cultura afro-brasileira na instituição, em especial, da comunidade “congadeira”, poderiam proporcionar o resultado esperado. Assim, aproximaríamos a escola e a universidade e seríamos articuladores naturais desse processo.

Os trabalhos contaram com o apoio de dois bolsistas e dividimos as atividades em dois momentos: o primeiro momento visou desenvolver atividades junto ao Museu Antropológico de Ituiutaba (MUSAI) para que alunos da escola pública e a comunidade pudessem conhecer o museu, o acervo e as atividades educativas. O segundo momento se concentrou em atividades de observação e socialização com a comunidade congadeira, estas se estenderam entre fevereiro a novembro de 2018, e foram produzidas em parceria com a Fundação Cultural de Ituiutaba, Fundação Zumbi dos Palmares de Ituiutaba e a Irmandade de São Benedito. Essa segunda etapa de trabalhos, ao longo de dez meses, foi marcada por ações como leilões, a grande festa de Louvor a São Benedito, conhecida popularmente como festa de Congado, e depois de todas essas atividades, acompanhamos os grupos, que mantêm uma intensa agenda de encontros e compromissos sociais e religiosos.

O objetivo principal dessa proposta estava centrado na catalogação e na divulgação do acervo da cultura afro-brasileira da instituição, em especial, da comunidade “congadeira” do município e em estimular o espaço do museu como ambiente de ensino não formal, para tanto, à época, lançamos mão de alguns objetivos secundários que foram necessários para que colocássemos em prática os trabalhos. O primeiro objetivo foi investigar a formação do Museu Antropológico de Ituiutaba, os atores e instituições envolvidas; posteriormente, compreender as manifestações populares em torno dos ternos de Congada, a formas de (re)produção da cultura material e imaterial e o papel da memória junto à comunidade.

Entendíamos que esse trabalho poderia desenvolver em nós, de forma mais aprofundada e reflexiva, algumas problemáticas acerca do MUSAI e da formação de acervos da cultura afrodescendente, bem como o gerenciamento de projetos culturais, em especial os de cultura popular e da comunidade negra. Muitos desses projetos se mantêm funcionando pelo empenho isolado de profissionais e/ou grupos, que arduamente buscam manter espaços de representação para tradições seculares da comunidade negra de Ituiutaba, faltando lastro institucional das ações.

## 1. O museu e a constituição do acervo

A trajetória do Museu Antropológico de Ituiutaba é muito recente. Ao longo da história da cidade os espaços públicos destinados à cultura quase não existiam ou sempre eram precários. Somente no final da década de 1990, que são ensaiados os primeiros passos para criação de um local que pudesse acomodar a cultura material e imaterial do município. Em 1997, a Prefeitura Municipal de Ituiutaba escolhe o prédio do antigo

Hospital São José para abrigar o projeto. Assim, “[...] o prédio é reformado e ganha então um novo nome e utilidade, intitulado Casa da Cultura Altair Alves Ferreira. O prédio passa pelo processo de tombamento e o local passa a ser o Museu da Imagem e do Som”. Esse primeiro espaço foi o Museu da Imagem e do Som, criado pela Lei nº 3.330, de 29 de abril de 1999 e, posteriormente, pela Lei nº 3.942, de 07 de março de 2007, é criado o Museu Antropológico de Ituiutaba, conhecido como MUSAI, que tem como “objetivo a ação cultural, preservação de artefatos e a preservação da memória local e regional, que se caracteriza como patrimônio imaterial, desta forma, busca promover ações voltadas ao público, bem como também ações educativas”. (COSTA; SILVA, 2017, p. 2).

A experiência museológica do MUSAI foi precedida de duas situações: a primeira, foi a prática de acumulação de objetos pessoais pela comunidade e a segunda, a tentativa da criação do Museu da Imagem e do Som. A primeira foi uma experiência vivida pela antiga Casa da Cultura que, durante algum tempo, recebeu peças, objetos, roupas etc., acumulando todo esse material sem metodologia e nem critério para salvaguardar ou descartar todo esse material. Já a experiência museológica foi uma alternativa para o destino adequado às peças, no entanto faltou um projeto que pudesse ressignificar o material e organizar o espaço para interagir efetivamente com a comunidade.

A experiência ituiutabana não está distante daquelas de cidades médias e pequenas espalhadas pelo país, esses museus, em sua maioria, se desenvolveram à luz dos interesses da elite local e reproduzindo valores e costumes. Exemplo próximo foram os Museus Históricos Pedagógicos criados no interior paulista e cidades como, Presidente Prudente, Ourinhos, Catanduva, Rio Preto, Sorocaba, Tatuí, Itu, Capivari, Campinas, Amparo, Itapira, Mogi Mirim, Araras, Limeira, Piracicaba, Rio Claro, Pirassununga, Avaré e Jaú, que receberam esses espaços, que tinham como objetivo construir uma história local ou regional baseada na ideia do patrono, era preciso “que fosse indicado o nome de um patrono a ser lembrado” deveriam ser personagens “importantes na história de fundação da cidade”, dando notoriedade a pessoas abastadas, ilustres e de destacada participação socioeconômica na vida social, criando um protagonismo da elite local, eliminando outras formas de vida social e consolidando formas e manifestações do pensamento conservador (MISAN, 2008, p. 177).

A foto 1 mostra a fachada principal do Museu Antropológico de Ituiutaba, antigo prédio que abrigou o Hospital São José, que foi tombado e está localizado na região central da cidade.

Em 2005, Ana Luiza Freitas assumiu a presidência da Fundação Cultural de Ituiutaba e tomou como urgência

Foto 1 – Fachada principal do Museu Antropológico de Ituiutaba



Fonte: Eduardo Giavara

resolver o problema da antiga Casa da Cultura e do Museu da Imagem e do Som. Naquele momento, o acervo representava um “gabinete de curiosidade”, sem uma narrativa, sem uma história ou algo que pudesse dar sentido ao acervo. Segundo Freitas (2020), “era uma identidade sem critério, os acervos estavam longe de uma organização que pudesse avançar nos projetos em relação ao museu”. E a solução, naquele momento, foi (re)pensar a atuação do museu e sua inserção na sociedade, era preciso empenhar esforços para buscar uma solução. A mudança foi a formação de um grupo de trabalho coordenado pela antropóloga Lídia Meirelles, coordenadora do Museu do Índio, da Universidade Federal de Uberlândia, o qual se pautou por uma proposta de museu mais próximo das tradições rurais e do congado, manifestações relevantes da cultura local.

A ideia de converter um Museu de Imagem e do Som em Museu Antropológico talvez tenha sido a alternativa mais apropriada, pois tentava converter o projeto do museu para além das questões locais e pretendia lançar um olhar universal sobre a cultura e sobre as tradições. Abreu (2008), ao refletir sobre os museus antropológicos, aponta que esses espaços

[...] vivem da conjunção do entre o singular e o universal. Se, de um lado, podem ser considerados patrimônios etnográficos relacionados a grupos culturais específicos, por outro lado, eles congregam patrimônios abrangentes. Podem ser locais, regionais, nacionais e universais. Toas essas dimensões combinam-se nos museus. Resulta dessas combinações a riqueza das instituições museológicas. (ABREU, 2008, p. 143)

Dessa forma, o projeto poderia acolher as várias manifestações da cidade e se projetar como centro de articulação para que as várias formas de cultura local pudessem ser representadas e repensadas a partir da formação do acervo material e imaterial. Isto posto, o museu constituído passou a abrigar objetos que representavam a cultura rural e o congado. Posteriormente,

a região revelou um potencial para descobertas arqueológicas de artefatos indígenas, colocando o museu em seu perfil natural de museu antropológico. No entanto, o grupo de trabalho instituído pela Fundação Cultural pensou em um museu dinâmico que pudesse ser permanentemente renovado a partir das representações culturais e pudesse servir de referência para a comunidade e para as escolas, como ambiente de aprendizagem e diversidade.

O acervo da congada, como é popularmente chamado, foi constituído logo no processo de formação do MUSAI, segundo Ana Luiza Freitas, o grupo achou oportuno convidar a Ana Lúcia, representante da Irmandade São Benedito, que se prontificou a organizar com os grupos peças para compor o acervo, “não podíamos deixar de fora uma festa tão importante para a nossa identidade local”. (FREITAS, 2020) Assim, o primeiro acervo foi feito a partir de doações dos grupos da forma que consta no Quadro 1.

As peças listadas no referido quadro faziam parte do cotidiano dos grupos e foram incorporadas a partir do trabalho de conscientização feito pela equipe museu.

Dessa forma, é possível perceber, através do livro de tombo, que quase todos os grupos se sentiram representados no espaço. Para além das peças, foram organizados painéis com fotos explicativas da festa e dos

Quadro 1 – Peças do acervo

	Peça	Grupo doador
1	Patagona (chocalho de mão)	Moçambique Camisa Verde e Rosa
2	Chocalho	Congo Camisa Verde
3	Gunga (chocalho de perna)	Moçambique Lua Branca
4	Adufo	Congo Camisa Verde
5	Tambor	Congo Camisa Verde
6	Faixa	Moçambique Camisa Verde e Rosa
7	Faixa	Congo Camisa Verde
8	Chapéu	Moçambique Lua Branca
9	Chapéu	Congo Camisa Verde
10	Capacete	Congo Camisa Verde
11	Estandarte	Moçambique Camisa Verde e Rosa
12	Estandarte	Congo Camisa Verde
13	Coroa	Moçambique Camisa Verde e Rosa

Fonte: Livro Tombo do Museu Antropológico de Ituiutaba.

Foto 2 – Gunga (chocalho de perna).



Fonte: Eduardo Giavara

grupos. No momento de nossas atividades, fotografamos as peças para registrar esse material. Uma tentativa de melhorar o processo de catalogação do acervo.

A foto 2 retrata a Gunga, que é um tipo de chocalho, atado às pernas, utilizada, em especial, pelos moçambiques. As latinhas são cheias de bolinhas de chumbo e cadenciam as marchas com as cantorias do grupo.

Ao longo dos anos, o acervo tem sido utilizado em comemorações próximas às festividades religiosas e no período da Consciência Negra. Nesses momentos, o acervo ganha relevância e as peças são apresentadas. Algumas vezes, sem nenhuma legenda indicando sua origem ou mesmo sua função dentro das festividades da congada. No entanto, a proposta museológica de acervo não conseguiu abranger todas as manifestações que vão além das peças da sala e dos papéis existentes, excluindo, assim, a oralidade e sons que preenchem a cidade durante meses.

## 2. A congada e a ampliação do acervo

Talvez, a maior manifestação popular da cidade de Ituiutaba seja a festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário, popularmente conhecida como Festa da Congada. Sua história é secular e as tradições estão materializadas em um forte simbolismo em torno dos grupos, também conhecidos como Ternos, que se organizam em torno da Irmandade de São Benedito, localizada na paróquia do mesmo santo. A festa que reúne os grupos e homenageia Nossa Senhora do Rosário e São Benedito acontece na semana próxima ao dia 13 de maio, data de comemoração de festividades da santa. Historicamente, os congados, reisados e/ou as festas religiosas em louvor a Nossa Senhora do Rosário sempre foram seguidos pelas festas religiosas de caráter bem popular. Segundo Silva (2016), a festa

“Não é o louvor ao santo católico por si ou a coroação do rei negro que constrói as particularidades da festa e a diferencia das demais práticas do catolicismo popular, mas a simultaneidade e a complementariedade dos dois fenômenos. O culto aos santos católicos era uma forma de os negros utilizarem o espaço público e legítimo da igreja para organização das irmandades leigas. [...] Estas festividades apresentavam-se como espaço de reatualização das tradições e recriação de laços comunitários destruídos pelo tráfico e pela escravidão. (SILVA, 2016, p. 79).

Atualmente, na cidade, são aproximadamente oito grupos que participam da organização da festa, esses grupos são divididos em Moçambique Camisa Rosa (1951), Congo Camisa Verde (1954), Congo Real (1987), Moçambique Lua Branca (1990), Moçambique Águia Branca (1994), Congo da Libertação (1994), Marinheiro de Santa Luzia (2015) e Catupé Capão de Ouro (2018). Todos se dedicam à organização da festa que



acontece no segundo domingo de maio. No entanto, os preparativos começam em janeiro e envolvem toda comunidade na organização, realizam os encontros semanais, que são chamados de “leilões”, momento que arrecadam fundos, recolhem doações, preparam as vestimentas, rezam as novenas e ensaiam as músicas e as apresentações. Todos os encontros são realizados nas casas de membros e simpatizantes do grupo e são precedidos de orações em louvor aos santos homenageados, São Benedito ou Nossa Senhora do Rosário.

Com o objetivo de conhecermos a cultura congadeira e entendermos melhor os significados do acervo do museu, os integrantes do PEIC, professor e bolsistas, participaram dos dois momentos, os Leilões e a Festa de Nossa Senhora do Rosário. As reuniões eram organizadas pelos Ternos na Irmandade de São Benedito e as visitas aos grupos vinham de convites que recebíamos. Dialogávamos com a comunidade, colhíamos ideias, tirávamos fotos e participávamos dos leilões, ofertando e comprando as prendas.

A visita era um momento importante para o grupo PEIC, sempre éramos recebidos pelo líder do grupo, o capitão, e o dono da casa nos convidava a entrar e conhecer os espaços, em especial, a cozinha onde a comida era preparada, ambiente marcado pela presença feminina, e o altar onde estava os santos, os bastões dos líderes do grupo e os instrumentos, espaço predominantemente masculino. O começo da festividade é marcado pelo som dos tambores com cantigas que simbolizam a chegada do grupo e o compromisso com a fé religiosa. Cessado o som dos tambores, se instala o momento da reza e de louvor aos santos. Os oradores normalmente são as pessoas mais velhas, tanto mulheres como homens, posteriormente, o capitão do grupo faz uma fala, talvez a mais importante, as palavras, em regra, são de motivação para os preparativos da festa. Logo após, iniciam-se os leilões com as prendas doadas, que vão de frango frito, salgadinhos, óleo de cozinha, panos de prato, garrafas de pinga, cerveja e tantos outros objetos que são disputados numa brincadeira, que estimula sempre uma oferta maior. Sempre há uma equipe responsável pela contabilidade e pela guarda do dinheiro. Ao final, sempre há uma refeição servida aos participantes.

Ao longo da visita, percebemos que, para além da cultura material, o congado tinha uma rica cultura imaterial que precisava ser representada dentro do espaço do museu, o som dos tambores, as rezas, a culinária, as falas do grupo e tantas outras manifestações que eram impossíveis de serem traduzidas em peças museológicas. Percebemos também que, para atingir essa demanda, era preciso uma reestruturação do projeto e equipamentos que não contávamos naquele momento, mas que deveriam estar no horizonte para uma próxima etapa.

A princípio nossa orientação, prevista no projeto, era

ampliação do acervo e se baseava em: 1) aquisição de instrumentos musicais e vestimentas, 2) atividade de educação patrimonial no MUSAI e 3) oficina de fotografia na Festa de Louvor a Nossa Senhora do Rosário.

O primeiro tópico do nosso objetivo não foi concluído integralmente em razão da dificuldade que o grupo tem em renovar instrumentos musicais e vestimentas. Os instrumentos são caros e muitas peças têm um valor sentimental e ora é um presente ou uma herança e acabam por não dispor do bem. Com relação às vestimentas, conseguimos parcialmente, pois percebemos que as roupas nem sempre são renovadas, somente os coletivos de mulheres acabam por conseguir; os homens usam a mesma roupa por anos, as quais são mais bem acabadas, ricas de detalhes, conseqüentemente, mais caras, desprendendo mais recursos do grupo. Em alguns depoimentos do grupo também percebemos que há um consenso conservador em relação à moda masculina e eles resistem em incorporar alguns detalhes mais novos. Situação que inviabilizou a doação das roupas masculinas, as poucas que conseguimos incorporar em nossa atividade vieram de membros do grupo que haviam falecido.

Já a indumentária feminina é mais complexa, na maioria dos grupos ela se renova de ano a ano, a escolha do modelo para o ano sempre é feita pelo coletivo de mulheres e a compra de materiais e os custos de confecção ficam a cargo do terno de congado. Entre as formas de financiamento sempre há parte dos recursos dos leilões e das madrinhas e padrinhos, forma que implica que algumas pessoas do grupo ou de fora possam assumir financeiramente as roupas de alguma menina, na maioria das vezes, são aquelas menos abastadas. Ao final das festividades, as roupas são guardadas pelo grupo, algumas são usadas em outros momentos de apresentação e outras incorporadas no dia a dia, essa última situação sempre é adota pelas participantes mais pobres. Ao final, conseguimos incorporar algumas peças femininas ao nosso acervo, doadas por alguns grupos.

Nas atividades de educação patrimonial, obtivemos resultados melhores com a comunidade. Foram promovidos dois eventos com a comunidade congadeira e, entre estas, uma na semana da consciência negra com alunos da escola pública. No primeiro evento, a ideia era aproximar a comunidade do acervo que doou e refletir sobre o seu uso, a conservação e como dar visibilidade nos momentos festivos do grupo. No encontro, todos os Ternos mandaram mais de um representante e contamos com a presidente da Irmandade, Dona Maria Lúcia. As participações variavam dos mais velhos aos mais novos e da importância em preservar a memória e suas raízes para que a tradição permaneça. Ainda podemos lembrar que a Irmandade já desenvolvia há algum tempo um

trabalho relevante em torno das questões raciais e de combate ao racismo, fazendo com que o trabalho no museu não fosse estranho às suas atividades, mas complementar, na tentativa de valorizar o congado e as tradições da comunidade negra.

Com os alunos, a experiência foi diversa, pois contamos com um público que em princípio conhecia o museu. Em um primeiro momento, ficavam impressionados com os acervos e, no que tangia a história do congado, havia uma identificação, pois muitos conheciam ou participavam das festividades. Se sentiam representados ao ver o acervo e todo o trabalho desenvolvido, observavam nas manifestações congadeiras um forte simbolismo étnico. Aos poucos se encontravam nas peças expostas e nas fotografias, e a forma como alguns aspectos eram valorizados conferia importância à festa, aos participantes e à religiosidade.

A oficina de fotografia não foi algo planejado, mas necessário ao trabalho. Historicamente, o congado é um movimento popular e feito por populares, os quais nem sempre dispunham de equipamentos para gravar e fotografar essas manifestações. Recentemente, com o advento da popularização de câmeras e de celulares com câmeras, as fotografias se multiplicaram, no entanto isso não significa que haveria um trabalho coordenado com fotos e vídeos. As fotos foram realizadas nos leilões que fomos visitar e, no dia da festa, das milhares de fotos digitais produzidas, selecionamos uma série para compor uma exposição intitulada “Mulheres Congadeiras”, que teve como objetivo destacar o papel das mulheres nos Ternos e na organização da festa.

## Considerações finais

Talvez, o maior contratempo do professor na sala de aula hoje seja lidar contra o racismo estrutural e contra as várias formas de preconceito que se perpetuam no livro didático, mas a certeza para superar essa dificuldade é formar redes de conhecimento e espaços de produção de conhecimento que possam criar conteúdos e representações acerca do negro na sociedade brasileira colocando-o como figura de produção social, para além do binômio homem livre e escravo.

Nesse contexto, o museu, como local de diversidade cultural, é também um dos pontos de conexão da cidade com o movimento negro, é local de memória e de cidadania que possibilita entrever no acervo possibilidades de manifestações culturais e projetos de educação que possa “contribuir para o engajamento destas comunidades na ação, situando suas atividades em um quadro histórico que permita esclarecer os problemas atuais, isto é, ligando o passado ao presente” (PRIMO, 1999, p. 112), possibilitando que crianças e jovens possam construir sociabilidades que lhes permitam acessar espaços que antes lhe eram negados.

É preciso lembrar que o MUSAI também precisa e deve ser repensado como instituição, pois fica sujeito aos vários contratempos das administrações municipais: falta de funcionário, falta de manutenção do acervo, falta de um educador e um museólogo que possam dar continuidade aos trabalhos, propor projetos, estabelecer convênios com as instituições de ensino e pesquisa entre outras atividades. ■

## Referências

- ABREU, R. Tal antropologia qual museu? **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, v S7, p.121-143, 2008.1.
- COSTA, Miguel A. SILVA, Francielle R. **MUSAI - Museu Antropológico de Ituiutaba: estrutura e acervo**. In: **Anais da V Semana de História do Pontal**. ICH/UFU, 2017. Disponível em: [http://www.eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/miguelantoniodacostafranciellecorreiarodriguessilva\\_0.pdf](http://www.eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/miguelantoniodacostafranciellecorreiarodriguessilva_0.pdf). Acesso em: 19 dez. 2019.
- MISAN, Simona. Os museus históricos e pedagógicos do estado de São Paulo. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 16, n. 2, p. 175-204, 2008.
- PRIMO, Judite. Museologia e Patrimônio: Documentos Fundamentais – Organização e Apresentação. **Cadernos de Sociomuseologia**/ nº 15, pg. 95-121; ULHT, 1999; Lisboa, Portugal. Tradução: Marcelo M. Araújo e Maria Cristina Bruno.
- SILVA, Renata Nogueira. **Irmandades Negras, reconhecimento e cidadania**. Curitiba: Appris, 2016.